

Canoas da Bahia
Uma oferta ergológica

Dugout Canoes in Bahia
An essay in ergology

João de Pina-Cabral
Mónica Chan
(fotos/*photos*)

2006-2012

ICS

Imprensa
de Ciências
Sociais

1. **Uma floresta sobre o mar**
Aqui se apresenta o manguesal – essa floresta que cresce sobre águas marinhas, onde as gentes buscam em suas canoas o sustento que lhes dá a liberdade.
2. **Baiacu, peixe e aldeia**
Esta pequena povoação de pescadores está escondida na costa interior da Ilha de Itaparica. Aí fomos alertados pela primeira vez para o mundo anfíbio do manguesal.
3. **A lição do Seu Otávio**
Seu Otávio, experiente carpinteiro, agora pescador mas antes homem de todos os ofícios, dá-nos uma lição sobre canoas, velas, técnicas de pesca e peixes.
4. **Interlúdio poético**
Nas ondas verdes do mar, meu bem/ Ele se foi afogar./ Fez sua cama de noivo/
No colo de Iemanjá./ É doce morrer no mar,/ Nas ondas verdes do mar.
5. **Cajaíba – da árvore à canoa**
A árvore, transformada em xaboque nas colinas do cerrado, torna-se em canoa no povoado de Cajaíba, no interior do manguesal. O vinhático, madeira ideal, está a esgotar-se. Que será depois?
6. **Seu Romão, o torneador**
Nas mãos do torneador, o rude xaboque vira uma esbelta canoa através de uma técnica com raízes históricas profundas. O trabalho do torneador é, afinal, uma obra de arte.
7. **A vida da canoa – Seu Chiquito**
As canoas saem do estaleiro pela mão de um comerciante, homem silencioso e criador. Depois fazem sua vida.
8. **Salinas – uma alternativa moderna?**
Mas existirá mesmo uma alternativa para o vinhático? Seu António, em Salinas da Margarida, acha que o futuro é a fibra de vidro.
9. **As canoas como média**
Aqui se fala das canoas como extensões da mão do homem – instrumentos de mediação com o mundo.
10. **Um ensaio de ergologia**
Pós-facio metodológico onde se esclarece a natureza do exercício ergológico como um encadeamento de triangulações.

O ficheiro PDF está organizado de maneira a poder haver acesso a todos os capítulos a partir da Introdução (►), assim como, no final de cada capítulo, voltar ao início. Para uma maior leitura: vá para Visualizar > Modo de tela cheia.

1. **A Forest on the Sea**
Here we introduce the mangrove: a forest that grows on briny waters, where people of low income in dugout canoes obtain a form of subsistence that grants them a margin of freedom.
2. **Baiacu – A Fish and a Village**
This small settlement of fishing folk is hidden in the inland side of the Island of Itaparica. There, we were first alerted to the amphibious world of the mangrove.
3. **Seu Otávio's Lesson**
Seu Otávio, a canoe carpenter, fisherman, and master of all trades, teaches us about dugout canoes: the timber, the sails, the fishing techniques, the fish.
4. **Poetic Interlude**
In the green waves of the sea/My lover went a-drowning./He laid out his wedding bed/In the lap of Iemanjá./Oh, it's cosy to die at sea,/In the green waves of the sea.
5. **Cajaíba – From Tree to Canoe**
The trunk (*xaboque*), taken from the inland forest, turns into a canoe in the settlement of Cajaíba, inside the mangrove. *Vinhático* wood is ideally suited for this purpose, but the inland forests are being depleted. What then?
6. **Seu Romão – The Turner**
In his hands, the rough trunk turns slowly into a svelte canoe, employing a technique with profound historical roots. The turner's work is, after all, a work of art.
7. **Seu Chiquito – The Life of a Canoe**
The canoes leave the workshop by the hands of a merchant – a silent but enterprising man. Then, they begin their long, productive lives.
8. **Salinas – A Modern Alternative?**
Is there really an alternative to *vinhático*? Seu António, in Salinas da Margarida, thinks the future is in fibreglass.
9. **Canoes as Media**
Here we look at canoes as extensions of men's hands, modes of mediating the world.
10. **An Essay of Ergology**
An afterthought, where ergology is presented as a complex exercise of triangulations.

*The PDF file allows access to all chapters from the Introduction (►), as well to return to the top at the end of each chapter.
For a larger reading: go to View > Full screen mode.*

Prefácio

Este é um livro sobre um dos instrumentos mais úteis, duráveis e elegantes que jamais conheci: *a canoa monóxila* de vinhático. Esta árvore brasileira, da família das mimosas, sobreviveu nas colinas do cerrado da Bahia por fornecer a sombra indispensável para a plantação do cacau. Agora que os grandes proprietários estão a virar as terras para a criação de gado, o desastre ambiental resultante da limpeza destes sobreviventes da mata original é gravíssimo. Contudo, a madeira é tão resistente que, quando o último xaboque de vinhático for cortado no cerrado, ainda haverá canoas a flutuar no manguesal por quase um século.

Mal cheguei à Bahia em 2004, deixei-me enamorar pelo aspecto romântico destas embarcações que se, por um lado, parecem remeter para algo de muito primitivo, por outro, acabam por se revelar insubstituíveis no transporte de coisas e gentes nas águas calmas dos manguesais. Elas permitem aos pescadores e marisqueiras transformar num viveiro o que, de outra forma, seria um meio muito agreste para a vida humana.

São rápidas, sobretudo quando levam uma ou duas velas; são seguras, porque flutuam sempre, mesmo quando esburacadas; são sólidas, porque os troncos cortados que abundam nos fundos lodosos do manguesal mal as arranham; são inesgotavelmente reparáveis. Em contrapartida, exigem que olhem por elas: têm que ser retiradas da água com regularidade e viradas para secar o fundo e têm que ser reparadas cada cinco a dez anos por um carpinteiro hábil.

Foram esses carpinteiros e o trabalho que realizam sem vaidade – apesar de serem mestres escultores – que me levaram a escrever um livro sobre o assunto. E foram as fotografias que a minha mulher, Mónica Chan, ia tirando durante as longas conversas que eu tinha com eles, que me sugeriram a forma pela qual o livro acabaria por ser concebido.

Dessas conversas e do conhecimento que adquiri com o passar do tempo das vidas e famílias destes canoeiros, foi emergindo uma visão do mundo que habitam. É um mundo de gente que se diz “fraca”, no sentido de estar desprotegida face à “força” de quem domina a terra, as águas, os mercados e o governo. Fui aprendendo a ver que, para eles, as canoas e o mundo da pesca constituíam uma reserva de dignidade e autonomia. Na verdade, tal correspondia a algo que, como estrangeiro, me fora inicialmente invisível: a iminência do cativo. Como insistem todos os que estudaram o mundo camponês nordestino (Otávio Velho, Klass Woortmann e tantos outros), a vida dos “fracos” tem como referente constante a possibilidade de perder a vida e a liberdade à mão dos “fortes”.

Com o tempo fui vendo que, de facto, a pesca era, assim o explicava Seu Otávio, “um quebra-galho”: um paliativo, uma margem de negociação de dignidade. Quando comecei a fazer contas vi logo que, no mundo contemporâneo do consumo, não havia forma permanente para os “fracos” fugirem à privação e ao trabalho urbano não-qualificado (a miséria do cativo). O manguesal, a canoa e a pesca são reservas de liberdade num mundo onde o capital puxa numa direcção e o trabalho noutra e onde nunca será possível com trabalho superar a falta de capital.

Depois perguntei-me: e, afinal, quem fornece esse “quebra-galho”? Quem permite aos fracos a força de ir afastando por algum tempo a inevitável indignidade do trabalho servil? A resposta veio lenta mas surpreendente: é o Estado brasileiro, na medida em que ele é o garante da inapropriabilidade do manguesal, do curso dos rios, das praias e do mar. Ora, isso é o que transforma a pesca e a mariscagem numa porta de liberdade.

Mais ainda, se bem que também é o aparelho de Estado (com a sua inevitável corrupção) que valida a expropriação dos pobres, também é esse mesmo Estado que viabiliza uma série de serviços que moderam a escravidão dos pobres no Brasil: a

Colônia (o sindicato dos pescadores), o Instituto Nacional de Segurança Social, as Misericórdias, os vários subsídios, etc. Nesse equilíbrio, a polícia, a política, os tribunais, a escola, as igrejas são facas de dois gumes porque tanto validam o papel dos “fortes” como protegem um pouco os “fracos”.

O livro tem um enfoque masculino. Se o olhar das fotos da Mónica é certamente feminino, se todos os homens que têm mãe, mulher ou filha partilham das condições de feminilidade, a verdade é que, como as canoas são coisa de homem, um livro sobre canoas é um livro sobre o mundo onde se movem os homens. Afinal, este é tão só um dos aspectos incontornáveis da metodologia etnográfica: ao escolher olhar em fundo para um campo, há que deixar de fora outros.

E assim chegamos ao Posfácio, onde tento captar as linhas gerais do que penso sobre etnografia e, muito em particular, sobre o estudo dos instrumentos com os quais os humanos medeiam a sua relação com o mundo: a ergologia. Se fui inspirado pelos autores filosóficos que me têm guiado nestes últimos anos (em especial Davidson) e pela minha própria escola como antropólogo social, também fui inevitavelmente inspirado pela tradição etnológica portuguesa que, a cada passo deste percurso de canoas, me ia fazendo pensar nos arados de Jorge Dias, nos moinhos de Veiga de Oliveira, nas máscaras de Benjamim Enes Pereira, nas casas timorenses de Ruy Cinatti. Sempre acreditei na possibilidade de dar nova vida, com novos meios, à ergologia e este livro é a minha oferta para que continue viva uma tradição que tanto prezo.

* * *

Este trabalho não teria sido possível sem os dois projectos que recebi da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FEDER, POCI/ANT/61198/2004 e PTDC/CS-ANT/102957/2008), sem o apoio do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e sem a ajuda das pessoas que participaram comigo nesses projectos. Outros agradecimentos, mais pessoais e muito
6 sentidos, o leitor encontrará na página final da Introdução.

Resta-me agradecer à Imprensa de Ciências Sociais o ter
aceitado entrar nesta nova forma de edição. Finalmente, não
posso deixar de assinalar o modo criativo e dedicado como
João Segurado soube pegar na tosca ideia inicial em
Powerpoint e transformá-la num objecto acessível e elegante.

João de Pina-Cabral

Preface

This is a book about one of the more useful, durable and elegant tools that I have ever encountered: the dugout canoe. In Bahia, these are preferentially made of an indigenous type of mimosa tree that has only survived because its shade served as excellent protection for cocoa bushes. Now that cocoa prices have fallen and landowners are turning over their lands to raising cattle, the environmental disaster resulting from the clearing of the original forests cannot be underestimated. Nevertheless, *vinhático* wood is so resistant that dugout canoes will be floating in the coastal mangroves of Bahia for nearly a century after the last tree has been felled in the hillsides to the interior.

The romantic aspect of this craft charmed me as soon as I arrived in Bahia in 2004. On the one hand, they seemed primitive; on the other, they were irreplaceable for the transport of things and people in the quiet, dark waters of the mangroves. For the fishermen and their women, dugout canoes transformed into a vast nursery what would otherwise be an environment inimical to human occupation.

They are fast, especially when rigged with sails; they are safe, because they will always float even when riddled with holes; they are solid, as the many submerged logs in the mangroves hardly damage them; they withstand infinite repair. In turn, they need to be looked after: they have to be taken out of the water regularly to dry and they have to be repaired every five to ten years by a canoe carpenter.

These carpenters and the work they carry out with great simplicity – oblivious of the fact that they are indeed master sculptors – were the main impetus for writing this book. The photographs that my wife Mónica Chan took during my long conversations with them eventually suggested the shape the book would take.

A vision of the world inhabited by these carpenters and their fellow fishermen began to emerge from my growing familiarity with their lives and their families. It is a world of people who consider themselves to be “weak”, in the sense of being unprotected when

faced with the force of those who control the land, the waters, the markets, and the government. I learnt that, for them, canoes and fishing constituted a reserve of dignity and autonomy. In fact, as a foreigner, something important was initially obscure to me: the imminence of captivity. Eventually, I came to understand the reason why scholars who studied the peasant populations of Northeastern Brazil (Otávio Velho or Klass Woortmann, for example) so strongly stressed that the lives of the “weak” were constantly moulded by the possibility of loss of life and freedom at the hands of the “strong.”

As time passed, I understood that fishing was in fact a palliative measure (*quebra-galho*, as Seu Otávio put it), a margin for the negotiation of dignity. As soon as I started to add up their earnings, it became clear that, in our contemporary consumer society, there is no permanent way for the “weak” to escape deprivation and salaried urban work (the misery of captivity, as they put it). Mangroves, canoes and fishing provide reserves of freedom within a world where capital pulls in one direction and work in the contrary direction and where you cannot ever compensate with work for a lack of capital.

Then, I asked: in the end, who is it that provides this palliative measure? Who is it that permits the weak to procrastinate the inevitable indignity of servile work? The answer dawned slowly, for it was rather unexpected: it is the Brazilian state, to the extent that it does not allow the expropriation by the “strong” of the mangrove, the rivers, most of the beaches and most of the sea. These are the doors to freedom that make fishing and mollusc-gathering possible.

Furthermore, although the state (with the corruption that inevitably accompanies it) validates the expropriation of the poor by the rich, the same state also makes available a series of services that considerably moderate the servitude of the poor in Brazil: the fishing syndicate, the national health institute, the Misericórdia system, the poverty subsidies, etc. In this balance, police, politics, courts, schools and churches are all swords that cut both ways, as they simultaneously protect the “weak” and validate the “strong.”

The book has a male point of view. Even if a woman took most of the photos, and even if most men who have a mother, a wife or a daughter participate in the conditions of femininity, the fact is that canoes are a man's thing and a book about canoes will necessarily be a book about a masculine world. As it happens, this turns out to be one of the unavoidable aspects of the ethnographic method: as I focus on one field, I necessarily obscure all others.

And so we reach the Postscript, where I try to capture in very general terms some thoughts about ethnography and, in particular, the study of the tools with which people mediate their relation to the world: ergology. I was inspired in this by the thinking of some philosophers (in particular Donald Davidson) as well as by my own schooling in social anthropology, but I was also inevitably inspired by Portugal's ethnological tradition. At each turn, I was reminded of Jorge Dias' ploughs, Veiga de Oliveira's water mills, Benjamim Enes Pereira's masks, and Ruy Cinatti's Timorese houses. I have always believed in the possibility of infusing ergology with new life by using the new means now available to us. This book is a contribution towards the renewal of that tradition.

* * *

The research would not have been possible without the two grants that I received from the Foundation for Science and Technology (FEDER, POCI/ANT/61198/2004 e PTDC/CS-ANT/102957/2008), the support of the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon and of the people that participated in these projects. Other acknowledgments, more personal and deeply felt, are made in the book, at the end of the Introduction. I must, however, thank the Imprensa de Ciências Sociais for having accepted to take on this new form of editing, as indeed I must testify to the creativity and dedication of João Segurado, who transformed the initial rough project in Powerpoint into a highly accessible and elegant product.

João de Pina-Cabral

Imprensa de Ciências Sociais



Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa

Av. Prof. Anibal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa – Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.imprensa/ics.ul.pt
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação

CABRAL, João de Pina, 1954-

Canoas da Bahia : uma oferta ergológica / João de Pina Cabral ; fotos/photos Mónica Chan = Dugout canoes in Bahia : an essay in ergology , 2006-2012 -

Lisboa : ICS: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. - 1 CD-Rom + livro de apresentação (11 p.). - Edição bilingue em português e inglês

ISBN 978-972-671-296-1

Comunidades piscatórias - Brasil / Pescadores / Canoas / Embarcações / Bahia (Brasil)
CDU 39(81)

© 2012 Made in Portugal
Concepção gráfica/Layout: João Segurado
Depósito legal: 343661/12